

EQUIPAMENTOS URBANOS E RESILIÊNCIA NO BAIXO PINHEIROS

URBAN EQUIPMENT AND RESILIENCE IN THE LOW PINHEIROS DISTRICT

JULIANA MONTICELLI

Arquiteta Paisagista, Mestre em Comunicação e Cultura, professora de Paisagismo na Universidade de Sorocaba

RESUMO

Resiliência urbana é um conceito que se refere à capacidade de regeneração de uma determinada região frente a eventos externos. Atualmente, nas grandes cidades brasileiras, como ocorre na cidade de São Paulo, as Operações Urbanas Consorciadas são as formas de realizar intervenções urbanísticas. Estas operações são projetos complexos que abrangem grandes áreas da cidade, transformando significativamente a paisagem e a dinâmica de quem habita o local. Este artigo tem como **objetivo** analisar os recentes projetos de intervenção urbana na **região de Pinheiros**, com **enfoque** nos equipamentos comunitários que surgiram após a implantação da Operação Urbana Faria Lima. O recorte do artigo será na região hoje chamada Baixo Pinheiros, trecho que vem sendo enxergado atualmente como um polo de renovação, vitalidade e resiliência em São Paulo. Entender como se dá esta dinâmica entre mudança e regeneração de uma dada região é importante para pensarmos como a partir de intervenções urbanas mais amplas, dando enfoque aos espaços públicos, aliadas a **parcerias público/privado** é possível tornar nossas **cidades mais sustentáveis**.

Palavras-chave: Resiliência Urbana; Sustentabilidade; Operação Urbana Faria Lima; Equipamentos comunitários; Baixo Pinheiros.

ABSTRACT

Urban resilience is a concept concerned to the capacity of regeneration of a region against external events. Nowadays in Brazilian cities, as happens in São Paulo City, the Urban Operations Consortium (Operações Urbanas Consorciadas) are the ways to carry out urban interventions. These actions are complex projects that cover large areas of the city, significantly transforming the landscape and the dynamics of the people

who live in the focused area. The purpose of this work is to analyze the recent urban intervention projects in the region of Pinheiros District, focusing the community facilities emerged after the implementation of the Urban Operation Faria Lima. The strict focus will be in the region now called Lower Pinheiros (Baixo Pinheiros), an area considered currently as a pole of renewal, vitality and resilience in São Paulo City. Understanding how the dynamics between change and regeneration occurs in a specific region is important to evaluate how it is possible to make more sustainable cities, starting from broader urban interventions centered on public spaces, together with local initiatives and public-private partnerships.

Keywords: *Urban Resilience; Sustainability; Urban Operation Faria Lima; Community Equipment; Lower Pinheiros.*

INTRODUÇÃO

As cidades podem ser entendidas como ecossistemas complexos envolvendo sociedade, natureza e espaço construído. Este sistema dinâmico necessita de um consumo e descarte grande de energia para se manter, estando o tempo todo sujeito a agentes externos que podem acarretar seu desequilíbrio. As relações sociais que ocorrem neste contexto também se tornam fundamentais para o equilíbrio ou não desta dinâmica.

Dentro deste sistema complexo que são nossas cidades, vivemos um momento de importantes transformações territoriais, vendo grandes centros urbanos em processo de renovação. São Paulo é um exemplo destas complexas mudanças. Segundo Leite (2013) vivemos a era da transformação acelerada e São Paulo potencializa em seu território metropolitano todas as mutações urbanas contemporâneas, tendo como consequência uma cidade fragmentada, mas com um grande potencial de intervenções positivas.

As revitalizações de grandes áreas em cidades como São Paulo, fazem com que espaços existentes sejam adaptados, transformados e resignificados. Muitos destes projetos são realizados através de instrumentos urbanísticos como as Operações Urbanas Consorciadas, vinculadas ao Estatuto da Cidade. Estas intervenções são a forma urbanística atual de dar nova vida a áreas supostamente degradadas ou su-

utilizadas, áreas que em um passado recente tiveram um valor econômico, físico e simbólico para determinada região e que hoje, devido as transformações e interesses econômicos, já não possuem o mesmo valor.

Neste processo de transformação estrutural que ocorre com a implantação de uma Operação Urbana, envolvendo o redesenho de uma determinada região, a construção de equipamentos urbanos coletivos tem papel crucial, podendo ser entendidos como pontos nodais da implantação, pois incentivam a circulação de pessoas, fazendo com que a região reurbanizada ganhe vitalidade, fator determinante para o sucesso da proposta.

PROBLEMATIZAÇÃO

Diante do cenário de grandes transformações que São Paulo está vivendo atualmente, a questão a ser discutida neste artigo é de que forma estes projetos de intervenção urbanística como as Operações Urbanas que preveem a criação ou revitalização de espaços livres, como praças e parques e instalação de equipamentos urbanos comunitários, como terminal de ônibus e centros culturais polos geradores de grande circulação de pessoas, leva em conta realmente a história do lugar e trazem benefícios para as áreas do entorno já existentes, mantendo a cultura, a memória coletiva, e com isso podendo se tornar espaços de resiliência urbana.

O enfoque a ser dado são os espaços livres junto com equipamentos comunitários existentes na região do Baixo Pinheiros implantados recentemente, como parte direta ou indireta da proposta de reestruturação da região denominada Operação Urbana Consorciada Faria Lima, iniciada na década de 90. Para este estudo será feito um pequeno recorte em um trecho de Pinheiros, entre eles serão analisados o Largo da Batata, a Praça Vitor Civita, Terminal Intermodal de passageiros de Pinheiros e o Sesc Pinheiros



FIGURA 1. Recorte Baixo Pinheiros. Fonte: Google Earth, manipulado pela autora.

RESILIÊNCIA URBANA

A Resiliência é um conceito retirado das ciências naturais e está relacionada a capacidade de adaptação e de regeneração de um determinado corpo quando sujeito a um esforço externo. Segundo Lotufo (2016), este processo na física pode ser entendido como a propriedade de determinado corpo de acumular energia e se deformar quando sujeito a um esforço, sem com isso se romper ou se deformar permanentemente, voltando ao seu estado original depois que esta força é retirada.

A Resiliência ecológica apropria-se do conceito oriundo das ciências, evoluindo a ideia original e entendendo que o ponto de equilíbrio, do restabelecimento do corpo sujeito ao choque pode ser mais flexível. Por exemplo, se pensarmos em uma cidade ou uma determinada comunidade, esta não precisaria voltar ao seu estado anterior, mas sim se adaptar e se regenerar. Segundo Franco (2010) a resiliência ecológica mede a força da mútua cooperação entre processos e a habilidade de um sistema de persistir apesar das rupturas, regenerar-se e manter a organização existente.

Nas cidades o conceito de resiliência urbana é medido como a capacidade de determinada região se adaptar e se regenerar frente a mudanças climáticas, físicas, sociais que venha a sofrer. Para Franco (2010) a Resiliência cultural ou urbana seria a

capacidade de certo grupo social resistir e se adaptar a choques ocorridos por outras culturas, conseguindo, apesar disso, preservar sua identidade e patrimônio. Assim a resiliência urbana ocorre, em um bairro, quando aquela comunidade ao sofrer uma ação externa, reage e se transforma sem perder sua identidade, sua cultura precedente, muito pelo contrário, a partir da ação externa esta comunidade se torna, ao englobar as mudanças, mais rica culturalmente, se fortalecendo.

No bairro de Pinheiros é possível observar um potencial de Resiliência urbana acontecendo a partir dos recentes projetos de intervenção urbana implantados, pois o bairro está sendo capaz de se adaptar e se regenerar e, portanto, ser visto não apenas como uma centralidade local em São Paulo, mas também como um polo de resistência e vitalidade.

CIDADE E VITALIDADE URBANA

Jane Jacobs, em seu livro “Morte e Vida das Grandes Cidades”, publicado na década de 60, foi uma crítica do urbanismo modernista ortodoxo então em vigência, que pregava a retirada das pessoas das ruas e a setorização das cidades por uso, fazendo com isso que a movimentação no meio urbano fosse realizada através de veículos. Foi uma das primeiras autoras a se preocupar com a ideia de vitalidade e a importância de se pensar diferentes escalas dentro do contexto urbano, dando importância assim a escala do bairro e da vida em vizinhança. Para a autora as ruas e calçadas são os órgãos vitais de uma cidade, pois é nelas que se dá toda a integração e convivência de uma sociedade. Os parques, praças e edifícios públicos devem ser utilizados de forma que produzam complexidade e multiplicidade de usos.

Para Jacobs (2001) as calçadas devem ser largas, ter diversidades de usos ao longo de seu limite, como comércios e serviços, inclusive pensando no uso noturno, áreas de estar, espaços públicos, dando motivo, desta maneira, para as pessoas usarem as calçadas e com isso alcançar um fluxo ininterrupto de pedestres. Para a autora este seria o “balé da boa calçada”.

Em relação aos parques e praças de um bairro Jacobs considera que estes espaços livres têm sucesso também por conta do local onde estão inseridos e dos usos de seu entorno. Para a autora animação e variedade atraem, enquanto que apatia e a monotonia repelem. Assim, estes espaços devem ter como elementos importantes do projeto: complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial.

Se pensarmos no conceito de Resiliência urbana anteriormente descrito, aqui podemos entender que Jacobs se refere a esta ideia ao defender que um bairro bem-sucedido é aquele que se adapta a seus problemas, de modo que eles não o destruam. Enquanto que aqueles bairros que se encontram sobrecarregados de deficiências e problemas, tendem a se tornar se cada vez mais inertes diante deles.

Mais recentemente vemos o arquiteto Jan Gehl (2015) reacendendo as questões defendidas por Jacobs, dando enfoque a qualidade dos espaços livres nas cidades contemporâneas, dizendo que um melhor espaço urbano traz mais vida para a cidade, devendo desta forma ser estimulado.

O autor defende a cidade como lugar de encontro, onde as atividades sociais devam ser estimuladas, fazendo com que as pessoas entrem em contato entre si, incentivando com isso o convívio, a comunicação e a empatia. Chama estes espaços de “vida entre os edifícios”, sendo que o fator inicial para o convívio é o caminhar. Enquanto caminhamos para nosso destino, diz o autor, observamos pessoas e acontecimentos e as vezes paramos e participamos de algo que está ocorrendo nestes espaços da cidade.

A versatilidade e complexidade das atividades é uma característica comum dos espaços da cidade. As atividades necessárias são aqueles deslocamentos obrigatórios do cotidiano, como ir para a escola e trabalhar, enquanto as atividades opcionais, são aquelas recreativas, como sentar e apreciar a vista.

Para Gehl (2015) as atividades opcionais são as mais atrativas, sendo assim consideradas importantes para qualidade do espaço público. A conexão se faz ainda mais interessante se olharmos as relações entre as atividades necessárias, as opcionais e o significativo grupo de atividades sociais e se o espaço da cidade for vazio, nada acontece.

Dentro deste contexto uma cidade viva é aquela atraente e convidativa, acessível para todas as pessoas. Para que isso ocorra, segundo ele, é necessário dar enfoque aos espaços públicos, pois se o objetivo é conseguir cidades vivas e atrativas, é fundamental prestar atenção nas atrações e nas oportunidades de permanência. Assim podemos entender que os equipamentos urbanos de uma determinada região são também seus pontos de atração, locais estratégicos, importantes focos para onde se vai e onde se vem, incentivando a circulação de pessoas.

Para o autor em uma cidade sustentável o investimento deve priorizar o pedestre e a bicicleta. Assim para alcançar uma cidade nestes moldes é necessário conciliar modais alternativos ao tráfego pesado de automóveis e modais baseados em combustíveis fósseis. Ainda conciliar um bom transporte público a um bom espaço urbano. Gehl (2015) diz que para alcançar uma sustentabilidade social, em que se pesa a igualdade de acesso ao espaço da cidade, deve se extrapolar os espaços físicos, levando em conta também as instituições sociais e aspectos culturais.

EQUIPAMENTOS COMUNITÁRIOS

Os equipamentos comunitários são aqueles, públicos ou privados, que oferecem serviços à população. Estes serviços são de educação, lazer, cultura, saúde, entre outros. São fundamentais dentro de uma região, pois além de prestarem serviços à população, estimulam a vida e conexões dentro da cidade. Sendo considerados os nós urbanos ou pontos nodais que, conforme Lynch (1997) são pontos estratégicos dentro de uma cidade, junções, cruzamentos, convergência de vias, núcleos, símbolos de um determinado bairro. Ainda segundo Lynch, conforme sua implantação, podem ser considerados marcos visuais de um Bairro, como elementos de referência externos.

Para este estudo foram separadas 4 tipologias diferentes de equipamentos comunitários, conforme recorte apresentado anteriormente na região do Baixo Pinheiros, que segundo este estudo podem ser entendidos com pontos nodais e estratégicos para uma resiliência urbana na área:

1. Largo da Batata - como ponto de referência de praça seca. Sendo aquele arquétipo de praça que agrega, ponto central da manifestação pública nas cidades antigas, local de encontro onde ocorriam as trocas comerciais, sociais e simbólicas. Veremos como o projeto de reconversão urbana desde o início previa ser uma grande esplanada e com as alterações desenvolvidas ao longo de sua implantação fizeram com que a praça se tornasse ainda mais vazia. Um símbolo de um local que desde sempre teve como características uma vocação para o comércio popular e o agrupamentos de pessoas.
2. Praça Vitor Civita – Um oásis verde dentro da área do Baixo Pinheiros, porém não faz parte do tecido urbano da cidade, se tornando uma área isolada. Representa o arquétipo de praça ajardinada, que nasce no século XIX. Seu entor-

no repleto de edifícios institucionais, como a Prefeitura Regional de Pinheiros, ajuda a reforçar a mancha verde na área de estudo.

3. Terminal Intermodal de passageiros de Pinheiros – nó de circulação de pessoas, tratando das questões de mobilidade dentro do recorte analisado.
4. Sesc Pinheiros – edifício cultural, além de ser um marco visual na paisagem do bairro, assim como outros edifícios culturais anteriormente implantados na região, como o Instituto Tomie Otake e o Centro Brasil Britânico, também é um polo de atrações culturais e recreativas, tendo grande diversidade de oficinas e eventos culturais, atraindo pessoas de outras regiões.

A OPERAÇÃO URBANA FARIA LIMA

A Operação Urbana Faria Lima teve início na gestão de Paulo Maluf, na década de 90, com a criação da lei nº 11.732/95 que tinha como proposta a otimização da infraestrutura viária já existente na região, através do prolongamento da avenida Brigadeiro Faria Lima e captação de recursos para a implementação das obras previstas na região. A proposta de ampliação surge como uma alternativa paralela a via expressa da marginal Pinheiros, tendo como foco o sistema viário, principalmente o desafogamento do trânsito de veículos individuais. Abrangia três bairros: Pinheiros, Vila Olímpia e Itaim. Recursos privados foram captados através da implementação de incentivos urbanísticos para a verticalização, a outorga onerosa. Estes recursos deveriam ser revertidos, segundo dados da prefeitura para, entre outros, melhorar a acessibilidade viária e de pedestres, reorganizar os fluxos de tráfego, dando prioridade ao transporte coletivo, criar e qualificar ambientalmente os espaços públicos e por fim dar atendimento habitacional às comunidades que vivessem em ocupações irregulares localizadas em seu perímetro ou no entorno imediato. Todos os recursos obtidos nas contrapartidas deveriam ser usados no próprio perímetro da Operação.

Em 2004, a Operação Urbana Faria Lima foi reformulada, seguindo as diretrizes do Estatuto da Cidade, se tornando Operação Urbana Consorciada Faria Lima. Neste período foi instituído o Cepac (Certificados de Potencial Adicional de Construção) como principal forma de pagamento e a operação foi dividida em setores para dividir as contrapartidas. É deste período a proposta de reconversão do largo da Batata.

No Setor de Pinheiros a Operação Urbana realizou, conforme Carlos (2001) a derrubada de 104 casas, a destruição de algumas ruas, contando ainda com a desapropriação de parte do Colégio Palmares e de um dos edifícios da igreja episcopal local, além de restaurantes, lojas e residências.

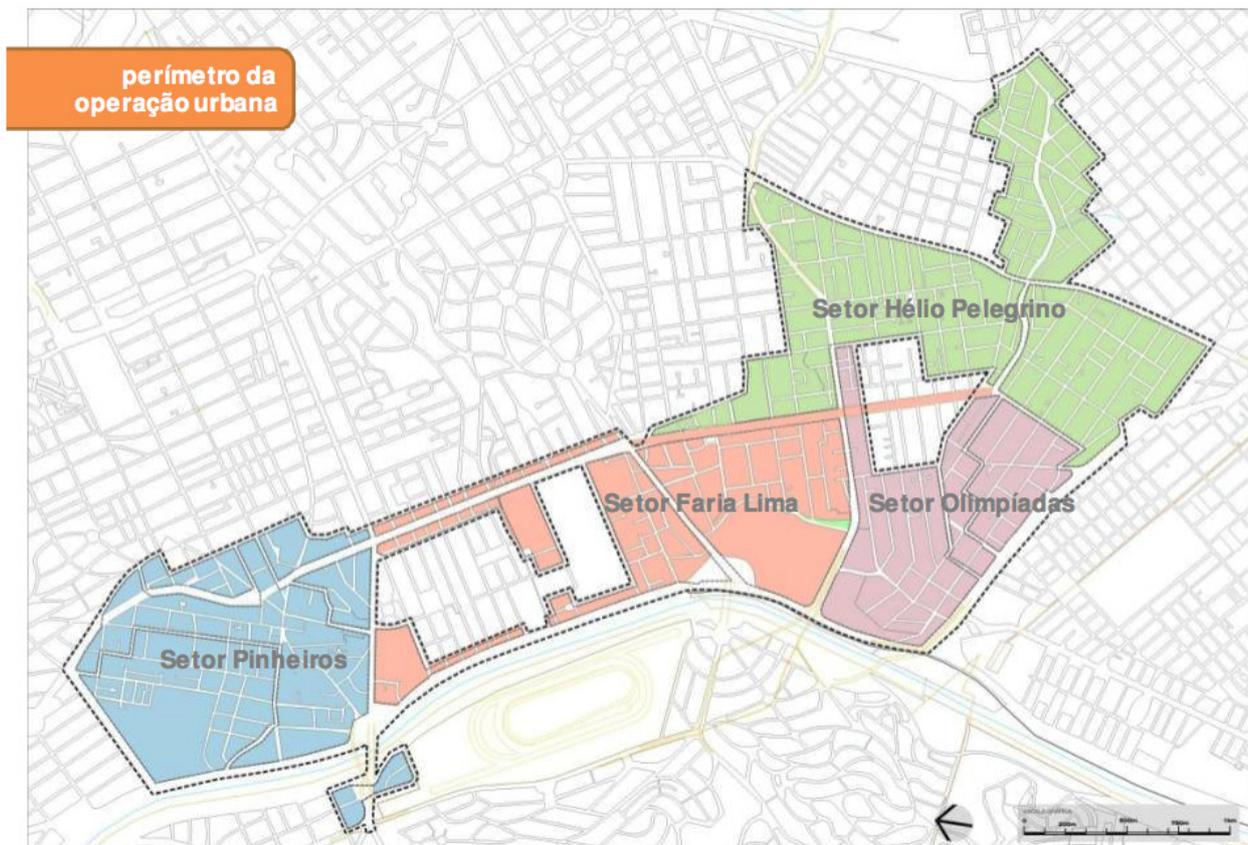


FIGURA 2. Perímetro da Operação Urbana Faria Lima e sua divisão em setores **Fonte:**<http://www.saap.org.br/sem-categoria/ciclovias-da-av-faria-lima-em-sao-paulo-ganhara-mais-115-km/>

Para entender a Operação Urbana Faria Lima e suas transformações, segundo Carlos (2001), é fundamental entender a escala espacial do bairro, pois é nele que se desenrolam os conflitos que dizem respeito à esfera mais ampla da reprodução espacial da Metrópole. Sendo neste contexto importante perceber dois elementos distintos: a implosão do bairro através do processo intenso de verticalização que ocorre com a chegada de empreendimentos de grande porte, incentivados pelos novos índices urbanísticos trazidos com a Operação Urbana e que passam a mudar a morfologia do bairro e seus usos. Em contrapartida vemos uma tendência de instauração do cotidiano através da persistência das velhas relações de vizinhança, que se dá na

resistência do uso residencial de gabarito baixo, assim como através da manutenção e chegada de novos comércios de pequeno porte.

O BAIRRO DE PINHEIROS

O Bairro de Pinheiros é um dos bairros mais antigos de São Paulo, surgiu no século XVI, e ganhou este nome devido à grande quantidade de Pinheiros nativos que possuía. Antiga vila indígena, com núcleo inicial onde atualmente está localizado o Largo da Batata, viu sua transformação ocorrer principalmente na virada do século XIX para o XX com a inserção do comércio popular ligada à agricultura, neste tempo são construídos a Sociedade Hípica Paulista, a Cooperativa Agrícola de Cotia e o Mercado Caipira que atualmente é o mercado de Pinheiros.

Hoje devido as suas transformações, o Bairro de Pinheiros é considerado um local de efervescência cultural e tida como uma das centralidades dentro da cidade de São Paulo. Local que sofre um processo de transformação e adaptação devida as transformações que vem sofrendo, se tornando um ponto de vitalidade urbana e cultural. O Baixo Pinheiros é a região que parte do Largo da Batata até a marginal Pinheiros, conforme mostrado anteriormente e que vem sendo considerado um local estratégico dentro da cidade de São Paulo, gerador de uma nova centralidade, devido a quantidade de boa gastronomia, vida noturna e equipamentos comunitários que abriga. Com diversidade de opções de bares e restaurantes, assim como pequenos comércios que vem renovando a região, juntamente com os projetos de intervenção que estão sendo implantados no local. Algumas questões fazem com que o Baixo Pinheiros esteja se renovando, entre elas podemos destacar o fácil acesso ao bairro pela boa oferta de transporte público com a chegada do metrô e do terminal intermodal de passageiros na região, a oferta de aluguéis mais baratos do que em seu entorno e a permanência das residências com baixo gabarito e comércios de pequeno porte.

Juntamente com estes comércios, boa mobilidade, cultura e lazer, é possível ver neste trecho também crescer um sentimento de amor ao lugar, de cuidado através de coletivos que atuam e chamam a população a fazer mutirões para plantio e manutenção dos espaços livres, numa tentativa de resistência e de dar uma identidade e gerar afetividade em relação ao bairro, além de torna-lo mais sustentável.

LARGO DA BATATA E ENTORNO

O Largo da Batata pode ser considerado o marco inicial do bairro de Pinheiros, foi englobado na Operação Faria Lima e depois de sua reformulação em 2004, teve como proposta de intervenção sua reconversão urbana, ou seja, sua mudança de uso do espaço anterior, que passou a abrigar uma estação de Metro, a estação Faria Lima.

Segundo o poder público, a proposta de requalificação do espaço se deu devido a área estar em estado degradado, sem uma função definida, com predominância de comércios informais e sistema viário e de transporte público caótico. Exigindo com isso um projeto que revitalizasse o local. O projeto de reconversão da área foi realizado através de um concurso nacional, em 2001 e teve como vencedor o projeto do escritório de Tito Lívio.

A proposta original vencedora contava com diferentes equipamentos, como um centro cultural e concha acústica que ocorreriam no espaço junto as praças, que seriam também bem arborizadas. Porém, ao longo da implantação do projeto, iniciado em 2007, algumas transformações foram realizadas em relação a proposta original e muita coisa deixou de ser realizada, o que acabou por descaracterizar o projeto. Muitas críticas são feitas a reconversão implantada, entregue em 2013, entre elas estão o fato de que o local acabou se tornando um lugar de passagem, sem arborização, sem mobiliário urbano ou áreas de estar, por fim um local sem identidade. Antigo espaço de encontro e de pequenos comércios a população viu a reconversão fazer do largo uma grande esplanada sem uso.

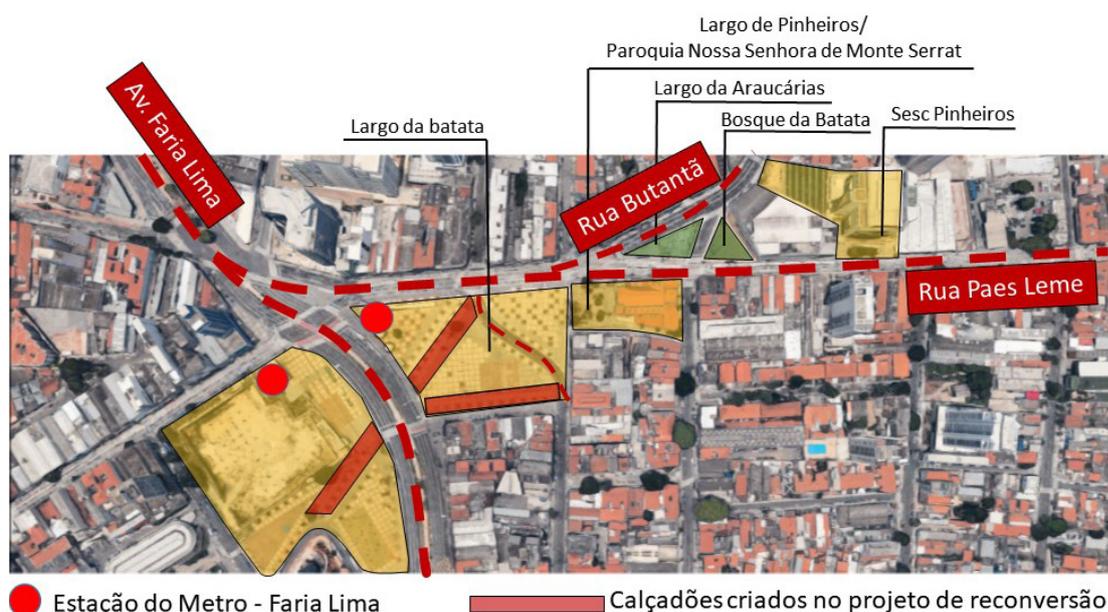


FIGURA 3. Local de implantação do Largo da Batata e seu entorno.

Fonte: Google Earth manipulado pela autora.



FIGURA 4. Perspectiva do Projeto Vencedor.

Fonte: <http://acidadesp.com.br/pinheiros/operacao-urbana-fase-3-o-final/>

O largo da Batata hoje é palco de diferentes manifestações e coletivos como “A Batata precisa de você”, criado por moradores do bairro e frequentadores do espaço, o coletivo tem como proposta humanizar o local, fortalecendo a relação afetiva das pessoas com o Largo da Batata, através da criação de áreas de estar. A proposta, entre outras, envolve um laboratório metropolitano de mobiliário urbano, que já produziu vários bancos in loco e outros mobiliários.



FIGURA 5. Largo da batata com o projeto de reconversão implantado.

Fonte: <http://www.encontrapinheiros.com.br/pinheiros/largo-da-batata-em-pinheiros/>

Outro coletivo denominado as Batatas Jardineiras tem como proposta a agroecologia urbana, desenvolvendo jardins ecológicos experimentais no Largo da Batata, inclusive com o plantio de alimentos como a mandioca. O Coletivo tem como finalidade a construção de pessoas e cidades mais resilientes, propondo o cultivo e a manutenção de espécies através de mutirões.



FIGURA 6 E 7. Imagens do Largo da Batata com a implantação de canteiros e plantio de espécies e mobiliário. Fonte: <https://www.facebook.com/BatatasJardineiras/photos/>

Próximo ao largo da batata é possível ver uma iniciativa privada que gerou um novo espaço público, local remanescente das obras de intervenção do entorno do Largo, o espaço de intervenção era um antigo posto de gasolina desativado que estava abandonado, todo murado, servindo como área de depósito de lixo. Hoje virou uma pequena praça denominada o Largo das Araucárias. O projeto faz parte de uma proposta de plantio denominado Floresta de Bolso, desenvolvida pelo paisagista Ricardo Cardim, que junto com outros amigos decidiram intervir no local pois notaram que a área tinha potencial para ser revitalizada.



FIGURA 8 E 9. Antes e Depois do Largo das Araucárias. Fonte: <http://www.cardimpaisagismo.com.br/portfolio/largo-das-araucarias>

Após estudo do solo do antigo posto de gasolina, foi constatado que não havia contaminação e a área foi cedida pela Prefeitura para o plantio das espécies nativas da mata atlântica como Jerivás e Pitangueiras, inclusive Araucárias, que existiam na região anteriormente e que deram nome ao Bairro de Pinheiros. O plantio foi feito através de um mutirão, as pessoas foram chamadas a participar. O projeto ganhou ainda segundo Ricardo Cardim, um “Jardim de Chuva” com capacidade de 80 m³ para coletar a água da chuva da pista de asfalto e encaminha-la ao terreno da praça para ser absorvida ao lençol freático.

Projeto parecido já havia sido realizado na pracinha ao lado, que depois do projeto do Largo da Batata entregue, ficou um espaço sem muita personalidade, assim partindo também da iniciativa deste grupo, a realização do plantio de árvores denominado Floresta da Batata.

Estas iniciativas são consideradas iniciativas relacionadas a infraestrutura verde, pois elas trazem benefícios ecológicos a cidade, como a ideia de florestas urbanas e jardins de chuva. Segundo Franco (2010) uma ideia inicial de infraestrutura verde está associada ao plantio de árvores que tragam benefícios ecológicos para a cidade, assim como o manejo das águas de enchente, por isso os jardins de chuva são muito bem-vindos, pois ajudam a água superficial de drenagem infiltrar no lençol freático, minimizando as enchentes.

SESC PINHEIROS

O Sesc Pinheiros pode ser visto hoje como um ponto nodal e um marco visual na paisagem do Baixo Pinheiros, e assim como o instituto Tomie Otake implantado anteriormente, trouxe vitalidade para a região.

Inaugurado em 2004, o projeto do arquiteto Miguel Juliano foi desenvolvido em uma área relativamente pequena, por isso a necessidade de ser verticalizado. Tem como área construída de 36.941,62 m², foi projetado para atender cerca de 7 mil pessoas por dia. Está implantado em um local estratégico, com facilidade de acesso, pois fica localizado entre o Metrô Faria Lima (Largo da Batata) e o Terminal intermodal de passageiros (Metrô de Pinheiros).

O Sesc tem acesso por duas ruas, sendo a entrada principal pela Rua Paes Leme e um acesso secundário ocorre pela rua Butantã onde são realizadas somente as operações de carga e descarga e saída de veículos.

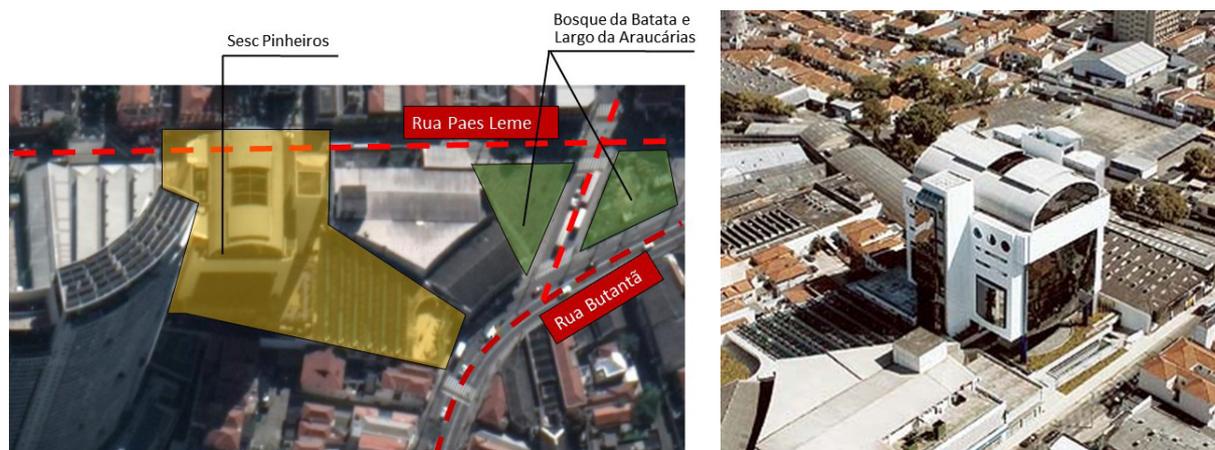


FIGURA 10 E 11. Implantação do Sesc pinheiros e entorno. Fonte: Google Earth manipulado pela autora

Podemos dizer que apesar de sua implantação estratégica, com facilidade de transporte público perto e fácil visualização na paisagem, sua conexão com a cidade poderia ter sido melhor explorada, pois ao possuir acesso por duas ruas, porque não criar uma permeabilidade de quadra, permitindo a passagem de pedestres de uma rua a outra. Outra questão é que não existe ciclovia até o prédio, pois ela acaba na Av. Faria Lima. Sua entrada um pouco mais alta que a rua não a torna tão convidativa, apesar de ter uma área de estar com banco junto a entrada, como uma pequena praça, onde existe a ideia de fruição urbana.

Os edifícios verdes são importantes aliados quando pensamos em cidades Resilientes. O Sesc de uma maneira geral tem como proposta alinhar algumas soluções sustentáveis a seus projetos, assim no Sesc Pinheiros foram instalados sistemas de reuso de água pluvial e de drenagem para utilização nas válvulas de descarga dos vasos e mictórios, para as torneiras das áreas externas e da garagem, nas torres de resfriamento do sistema de ar condicionado e também para a irrigação dos jardins.



FIGURA 12. Entrada do Sesc Pinheiros com desenho da artista laura gorski ao fundo. Fonte: <http://lauragorski.blogspot.com/2011/07/paisagens-construidas-projeto-desvios.html>

PRAÇA VITOR CIVITA E ENTORNO

O entorno da praça Vitor Civita é uma área importante pois abriga, como demonstrado na imagem abaixo, uma quantidade grande de serviços ligados a prefeitura, como a prefeitura Regional de Pinheiros, Cetesb entre outros órgãos públicos. Porém é possível observar que eles não se conectam, foram instalados em áreas adquiridas aos poucos. Acarretando com isso uma grande área isolada, sem permeabilidade. Perto desta área está o Rio Pinheiros, que possui neste trecho ciclovia e o projeto Pomar Urbano que visa a recuperação ambiental e paisagística do rio Pinheiros.

A praça Vitor Civita foi realizada em uma parceria público/privada tendo como proposta a revitalização de uma área degradada que entre os anos de 1949 e 1989 funcionou como depósito de lixo e que dispunha também de um edifício de incineração de resíduos domiciliares e hospitalares. Antes da implantação da praça atual e após o fim da utilização da área para incineração funcionava uma cooperativa de reciclagem que foi desativada também.

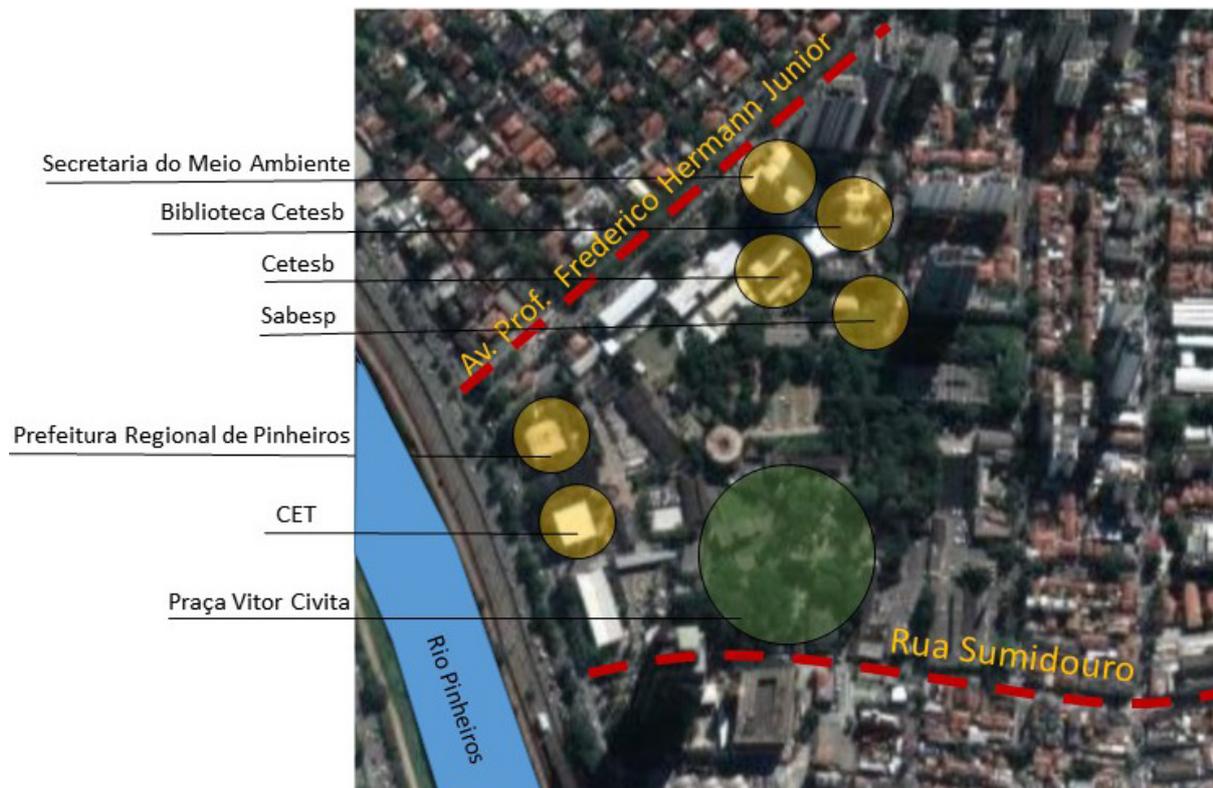


FIGURA 13. Praça Vitor Civita e entorno com áreas institucionais. Fonte: Google Earth – manipulado pela autora

O projeto é um exemplo modelo de revitalização de área degradada que hoje é um assunto importante, os denominados Brownfields “campos marrons” que segundo Castello (2013) podem ser entendidos como porções de solo urbano anteriormente ocupadas por construções que hoje estão obsoletas, geralmente relacionadas a áreas ligadas as linhas férreas ou industriais, estão em regiões centrais, porém não são mais utilizadas ou se ainda estão são subutilizadas. Muito destes terrenos tem contaminação no solo, como o caso do terreno do projeto da praça Vitor Civita, o que dificulta ainda mais sua revitalização. No caso da praça analisada não foi realizada a descontaminação do solo por questões financeiras, o que é criticado na proposta.

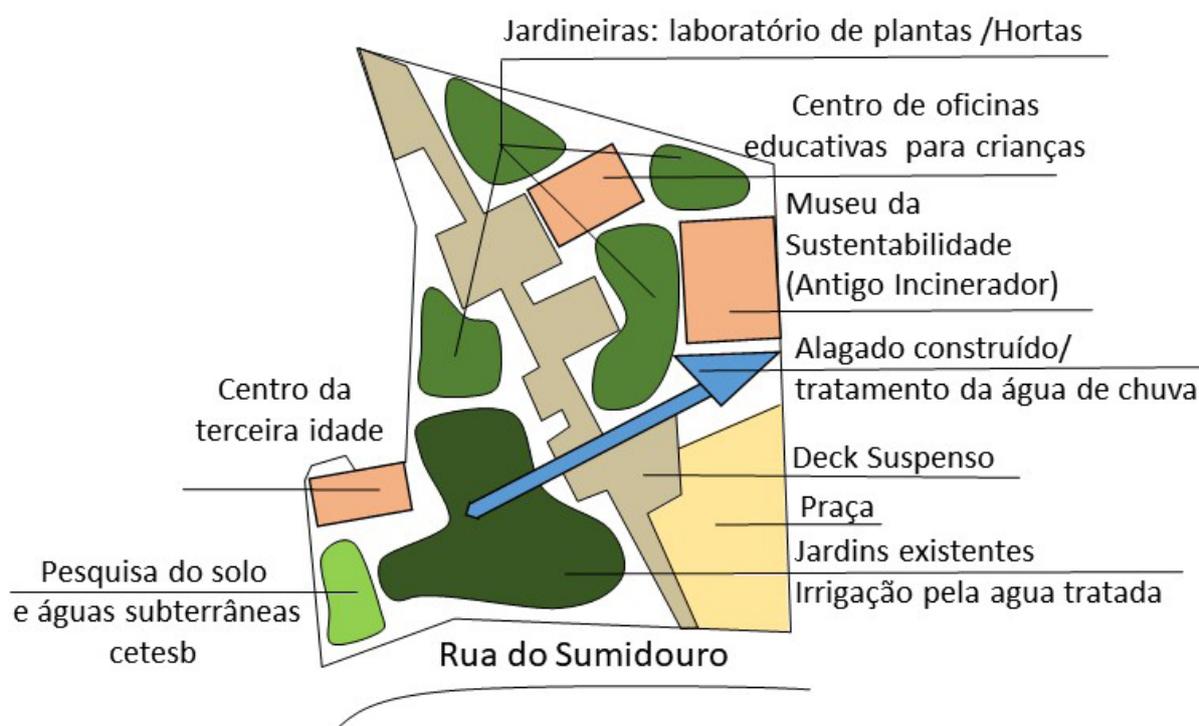


FIGURA 14. Esquema da Praça Vitor Civita. Fonte: Da autora

O projeto desenvolvido por Adriana Levisky e Anna Julia Dietzsch, com paisagismo de Benedito Abudd tem princípios sustentáveis, fazendo do espaço não somente uma área de recreação e estar, mas também de conscientização e educação ambiental, através do Museu da sustentabilidade que fica onde era o antigo incinerador. Alguns destes princípios são a utilização de alagados construídos para a incorporação de tratamento de água de chuva que vem do Museu da Sustentabilidade e que é revertido na irrigação dos jardins existentes, a criação de laboratório de horta urbana, espaço para a terceira idade entre outros.

Algumas críticas feitas ao espaço são relacionadas a falta de integração com o entorno, pois a praça fica isolada e cercada do restante da cidade. A única entrada da praça se dá pela rua do sumidouro, sendo em seu restante toda cercada, seu funcionamento diário é das 6h30 às 19h. Após este horário o espaço fica fechado. Outra questão citada anteriormente é o fato do solo contaminado não ter sido tratado por fitorremediação, sendo todo o projeto elevado 50 cm do solo existente. Além disto a praça é criticada por ter pouca conexão com o perfil dos habitantes da região.



FIGURA 15 E 16. Vista aérea da praça Vitor Civita e detalhe do projeto, jardineiras com hortas.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-10294/praca-vitor-civita-levisky-arquitetos-e-anna-julia-dietzsch>

TERMINAL INTERMODAL DE PASSAGEIROS DE PINHEIROS

O terminal intermodal de passageiros de Pinheiros foi pensando como parte da Operação Urbana Faria Lima e da reconversão do Largo da Batata. Contempla diferentes modais de transporte: metrô, trem suburbano, ônibus municipais e metropolitanos, automóvel, bicicleta e deslocamentos a pé. Foi inaugurado em 1 de junho de 2013, tendo como projeto arquitetônico o escritório de *Tito Lívio Frascino Arquitetos Associados*.

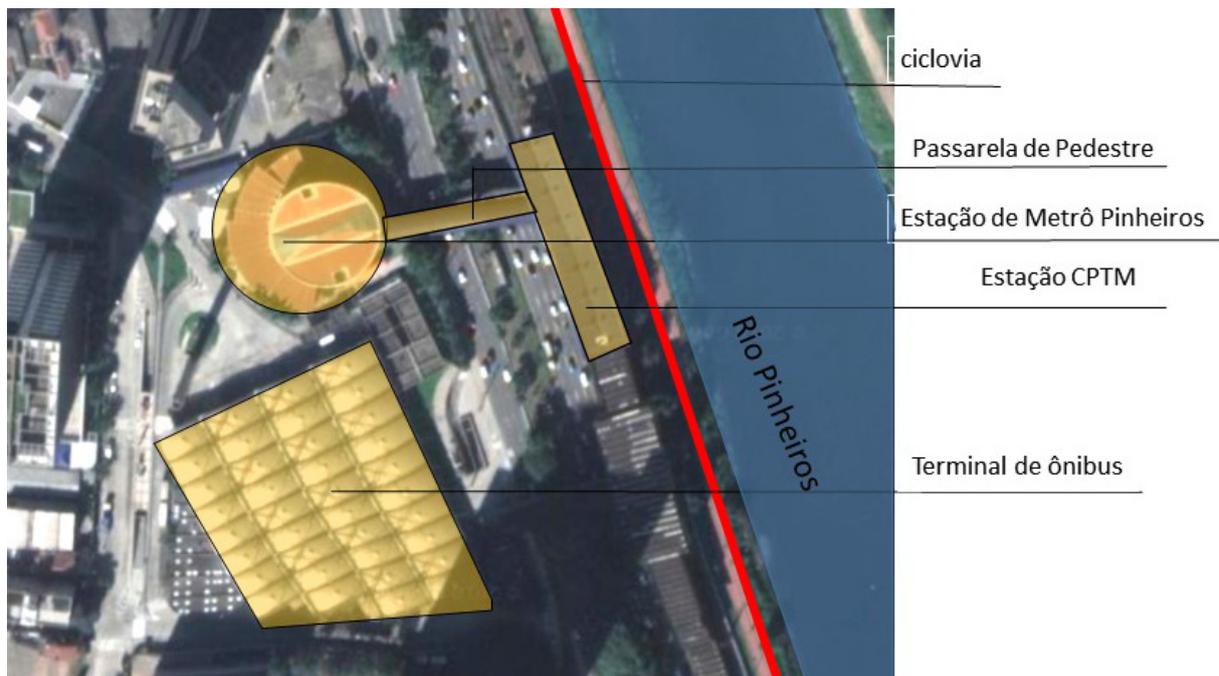


FIGURA 17. Implantação do terminal e suas conexões com o Metro Pinheiros e a estação da CPTM.
Fonte: Da autora

O terminal hoje pode ser visto como um polo importante de conexão urbana pela oferta de diferentes modais, sendo inovador neste aspecto. As críticas feitas ao projeto estão associadas a falta de conectividade com o bairro de Pinheiros e a falta de oferta de áreas de estar no local, que acaba servindo apenas como passagem.

Outra questão a ser discutida é que se a ideia do projeto é propor a diversidade de modais, seria fundamental haver uma conexão de ciclovía da Av. Faria Lima até o terminal, isto existe pela Marginal Pinheiros, mas do lado oposto, a ciclofaixa acaba na Av. Faria Lima, sendo de difícil acesso a bicicleta nas ruas laterais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta pesquisa foi possível entender que os equipamentos comunitários podem ser as sementes capazes de gerar uma resiliência social e urbana, pois são nesses locais que existem uma grande circulação de pessoas. Também foi possível verificar como é importante dentro de qualquer bairro que exista uma diversidade de equipamentos comunitários a disposição da população, que façam com que as

peças queiram caminhar e vivenciar a cidade. Isto é fundamental para a conexão e a afetividade com o lugar e com as outras pessoas.

Foi possível averiguar que apesar do Baixo Pinheiros disponibilizar de uma boa rede de equipamentos comunitários como estações de metrô e ônibus entres eles não existe uma proposta de ligação. Assim, as ruas poderiam ser pensadas mais para os pedestres e para ciclovia. O que não ocorre hoje, elas são muito mais voltadas para os veículos individuais.

Existe na área também, principalmente por iniciativa dos coletivos e da comunidade local, um início de instalação de infraestrutura verde, com a implantação de jardins de chuva e plantio de árvores nativas, que se pensado de uma forma global para o bairro poderia torna-lo pioneiro em questões sustentáveis. Tendo como polo a Praça Vitor Civita, que já possui esta proposta.

Muitas edificações comerciais em volta do Largo da Batata estão atualmente para alugar ou vender, isso pode ser entendido como um indicativo da expulsão da população mais tradicional da região. Desta forma, é fundamental dar um destino correto para estes espaços desocupados, para que Pinheiros não perca sua identidade pois, conforme analisado anteriormente, existe um processo de verticalização e especulação imobiliária ocorrendo na região com empreendimentos de alto padrão.

Por fim o Bairro de Pinheiros nos mostra que as parcerias entre público /privado e a participação coletiva podem ser o futuro de nossas cidades resilientes e sustentáveis, trazendo o entendimento de que a cidade é de todos.

BIBLIOGRAFIA

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2011.

BONZI, Ramón Stock. **Do abandono a um novo valor no projeto e na apropriação da paisagem**. Labverde, São Paulo, n 7, p. 194-2017, dez 2013.

BRÍGIDO, N. M; HIRAO, H. **A praça Victor Civita e o Desenvolvimento Sustentável: uma avaliação do uso, apropriação e imaginário**. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2281/2086>.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

DEL RIO, Vicente. **Desenho urbano contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro. LTC 2013

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental, uma introdução a arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico**. Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. **Planejamento ambiental para a cidade sustentável**. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Infraestrutura verde em São Paulo: o caso do Corredor Verde Ibirapuera-Villa Lobos**. Labverde, São Paulo, n. 1, p.134-154, out. 2010.

GEHL, Jan; GEMZØE, Lars. **Novos espaços públicos urbanos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

LOTUFO, José Otávio. **Projeto Sustentável: resiliência Urbana para o Bairro de Pompéia**. Tese de Doutorado, 2016.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MASCARENHAS, Luisa Prado. **Reconversão Urbana do largo da Batata: Revalorização e novos conteúdos da Centralidade de Pinheiros**. Dissertação de mestrado, 2014

NEWMAN, Peter; BEATLEY, Timothy; BOYER, Heather. **Resilient Cities: Responding to Peak Oil and Climate Change**. Washington, DC, Island Press, 2009.

SPIRN, Anne W. **O Jardim de Granito**. São Paulo: Edusp, 1995.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres: sistema e projeto territorial**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

Sites

<http://www.cardimpaisagismo.com.br/portfolio/largo-das-araucarias/#lightbox-gallery-bGlnaHRib3g=/49/>

<http://largodabatata.com.br/a-batata-precisa-de-voce/>

<https://www.arcoweb.com.br/finestra/arquitetura/miguel-juliano-sesc-pinheiros-10-03-2005>

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/03/1865324-chegada-de-mais-bares-e-restaurantes-renova-o-baixo-pinheiros.shtml>